



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Entre a “informalidade” e o reconhecimento: Vendedores ambulantes e busca por reconhecimento no espaço público urbano.

Renan Lubanco Assis

Universidade Estadual do Norte-Fluminense

renanlubanco@gmail.com

Resumo

Este artigo baseia-se em uma investigação etnográfica que realizei entre um grupo de vendedores ambulantes localizados na área central da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ¹. O que me possibilitou compreender os processos das lutas travadas no espaço público urbano entre vendedores ambulantes, comerciantes e poder público. As quais evidenciaram uma busca por reconhecimento dos vendedores em resposta ao não-reconhecimento que recebiam desses citados grupos. Neste trabalho serão discutidas as diferentes práticas de utilização do espaço público urbano, bem como, os processos de busca por reconhecimento para legitimação destas práticas.

Precedentes

Este artigo é fruto de minha dissertação de mestrado, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte-Fluminense (Uenf), sob orientação da Dra. Márcia Leitão Pinheiro. A escolha do tema para mim tem uma relevância que ultrapassa as relações profissionais, pois envolvem minha relação familiar.

Sempre ouvi histórias de meu avô informando a sua atuação de vendedor ambulante no centro de Campos dos Goytacazes, quando jovem. A atividade, segundo as suas histórias envolvia uma série de conflitos seja com agentes do poder público ou

¹ Campos dos Goytacazes é uma cidade de médio porte, interiorana do Estado do Rio de Janeiro - Brasil, caracterizada por ter sido umas das principais produtoras de açúcar no Brasil, no séc. XIX e início do XX (PINTO, 1987: 78). Essa economia foi afetada pela crise do setor sucroalcooleiro na década de 1970, que causou impacto no desenho demográfico provocando a mobilidade de residentes da área rural para a urbana. Hoje, Campos dos Goytacazes conta com economia baseada na construção civil, comércio varejista com importância significativa e principalmente no setor petrolífero, responsável pela arrecadação municipal de *royalties* (imposto pago aos municípios sede de exploração petrolífera) (SILVA e CARVALHO, 2004).



com comerciantes, bem como, uma série de aventuras por todas as cidades que passava, pois, além de trabalhar na citada localidade, *fazia festas*², em regiões vizinhas.

Como morador e natural da cidade de Campos dos Goytacazes, pude observar desde novo, uma série de conflitos envolvendo a presença de vendedores ambulantes no centro da cidade. A partir destas experiências familiares e pessoais, me engajei na pesquisa com o objetivo inicial de investigar as motivações e a permanência de tal prática comercial no espaço público urbano. Inicialmente adentrei em uma investigação da *informalidade*, pois o conceito foi muito utilizado como característico da prática, o que a tornava ilegítima e carregada de uma série de *estigmas*.

Outra questão que permeou os estudos e representações da prática foi a associação da mesma ao desemprego, como se este fosse uma condição determinante para a entrada na *carreira*. Para além da desta questão material, a saber, uma determinação econômica, a investigação da prática nos espaços públicos da cidade requer a compreensão das *dimensões imateriais na ação* (MAMAMI, 2007, p. 49). A partir destes elementos, adentrei em um trabalho etnográfico com duração de quatro meses, realizado com os *camelôs do terminal*³, grupo situado no Terminal Rodoviário Luis Carlos Prestes, na cidade de Campos dos Goytacazes.

Ao entrar no campo tive uma série de surpresas, dentre elas, os níveis positivos de satisfação com a *carreira*, afirmação constantemente presente na fala dos vendedores ambulantes, mesmo com todas as representações existentes em torno da carreira. Esta questão foi o que me deixou com várias questões em mente. Uma delas foi o porquê da satisfação na declaração dos vendedores ambulantes no exercício da profissão, apesar desta está cercada de uma série de vulnerabilidades e representações que o estigmatizam.

A partir destas minhas perambulações pela cidade, muitas questões foram surgindo para eu adentrar em uma pesquisa envolvendo a permanência de grupos específicos em seu solo, e como são travadas as lutas para que estes grupos possam garantir a permanência. Deste modo, buscarei elaborar neste artigo elementos que

² Fazer festas é uma categoria na carreira de *camelô*. A atuação é mesma, porém, percorrem uma série de cidades para venda de produtos, onde são realizadas festas públicas. Nas suas declarações as festas religiosas sempre predominaram.

³ O grupo é assim chamado, pelos órgãos de imprensa, poder público e por eles próprios. O terminal Rodoviário Luís Carlos Prestes, onde os vendedores ambulantes exercem suas atividades fica situado na área central da cidade de Campos dos Goytacazes e nele circulam principalmente, ônibus que trafegam no perímetro urbano da cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

envolvem a o trabalho do vendedor ambulante na cidade, bem como os processos de lutas que são travados com o objetivo de legitimar esta atividade.

A cidade das possibilidades

Caminhar na cidade pode se tornar uma aventura, e esta pode ser permeada por uma série de eventos, sejam eles comerciais, lúdicos, políticos ou mesmo violentos. A vida na cidade requer não somente uma adaptação física, mas ainda, simbólica, o que envolve a relação de pertencimento que diferentes grupos vivenciam. Esta relação pode ser positiva ou não, e que vai influenciar no pertencimento dos diferentes grupos neste local, será a luta que estes vão travar para legitimar suas identidades.

A cidade é um local que possibilita a convivência de uma diversidade de identidades, pois ela é tida como heterogênea e permeada por diversidades sócio-culturais. As origens e a ininterrupta produção desse fenômeno estão diretamente ligadas a variáveis estratégicas como classes sociais e diversidade de tradições culturais, nacionais e regionais (VELHO, 2008, p.12).

Ao falar em diversidades na cidade, compreende-se que esta é um espaço público constituído pela multivocalidade, o que Bakhtin (1999) relaciona ao conceito de polifonia. Nesse caso, se faço uma leitura da cidade como um lugar de pluralismo identitário que, ao invés de ser exclusivo, é relacional, onde as diversas identidades estão em um contato dialógico constante. A cidade, como um local público, caracteriza-se então, por um concerto de várias vozes e os seus atores transformam-se em potenciais produtores discursivos.

O encontro de uma variedade de identidades na cidade se dá principalmente na área central, local composto por sedes administrativas de empresas, variadas lojas comerciais, edifícios comerciais, bem como, sedes de órgãos governamentais, sejam eles do poder municipal, estadual ou federal. Esta gama de serviços oferecidos tornam o centro da cidade um local que oferece variadas oportunidades, o que possibilita uma série de movimentos migratórios, sejam eles internos ou externos.



No tocante a compreensão da área central da cidade neste trabalho, esta é tida como um local onde há uma variedade de oportunidades ocupacionais, onde os indivíduos têm a liberdade de escolherem a vocação e desenvolverem seus talentos particularmente (PARK, 1999, p. 58). Essas vocações particulares em contato na cidade assumem um papel complementar umas das outras e, por conseguinte, os indivíduos que estão envolvidos nesse processo, ficam cada vez mais dependentes dessa comunidade que eles integram (*ibid*), a saber, o centro da cidade.

O centro fornece elementos peculiares que determinados locais não oferecem como, por exemplo, grande fluxo de pessoas, concentração da vida comercial, financeira, cultural e política (MAFRA, 2005, p. 21). Essa característica possibilita a existência de atividades que não seriam possíveis em outros lugares, como em bairros mais afastados da área central ou na área rural. Park (*ibid*) corrobora essa questão quando destaca que *Hay ciertos tipos de industria, incluso de la especie más baja, que no pueden establecerse en otra parte sino en una gran ciudad*. Nesse sentido, pode-se constatar que a cidade por si já constitui um local favorável ao surgimento e permanência de determinados grupos que vivem em relações de interdependência.

Corroborando a afirmação do parágrafo que precede, Simmel (2009, p. 07) destaca que:

As relações e as oportunidades do habitante típico da grande cidade costumam ser tão diversas e complicadas, e, sobretudo devido à acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, as suas relações e actividades enlaçam-se num organismo tão articulado que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e prestações de serviços, o todo se desmembraria num caos inextricável.

É relevante apontar principalmente para a dinâmica articulada que envolve a vida na cidade, o que faz com que esta possa se organizar em um espaço físico delimitado não somente por concreto e cimento, mais ainda, por uma construção social simbólica onde o espaço é ressignificado, fazendo com que vários interesses individuais e coletivos migrem para esse lugar com fim de praticar atividades culturais, econômicas, políticas e uma variedade de atividades que tomaria muito tempo do leitor se fossem todas expostas aqui. Dentro dessas citadas atividades, incluem-se os vendedores ambulantes, que vêem o centro da cidade como um lugar oportuno para a realização de suas práticas comerciais.



Acessando o centro

Neste ponto será discutida a forma como se dá a inserção na área central da cidade, por grupos oriundos de áreas interioranas ou mesmo periféricas, com fim de trabalharem nas ruas do centro, oferecendo produtos diversos, grupo denominado como vendedores ambulantes ou *camelôs*, tanto no campo científico, como nos principais meios de comunicações presentes na cidade. A presença destes grupos é emblemática na cidade, sejam nas principais avenidas, terminais rodoviários e metroviários, é comum sermos abordados por indivíduos com mercadorias em uma pequena estrutura de madeira ou metal montada no chão, ou mesmo, dispostas no corpo.

Mediante as questões colocadas nos parágrafos precedentes, podemos ter ciência de que a cidade é um local favorável ao desenvolvimento de uma diversidade de atividades, dentre elas será destacada neste tópico, a atividade comercial realizada na via pública, reconhecida popularmente por *camelotagem*. Trata-se de uma atividade comercial que se ocupa de espaços públicos, principalmente a área central urbana, onde há uma grande concentração de comércios, transportes, setores públicos, eventos, ou seja, locais que concentram diariamente uma grande quantidade de pessoas aproveitando momentos e locais oportunos para oferecerem seus produtos.

No espaço físico central seja das grandes ou pequenas cidades, eles sempre estarão causando a transformação das localidades ao fazerem a apropriação de praças, edificações, calçadas e vias públicas com o fim de exporem suas mercadorias. Por terem tais características, acabaram se transformando ao longo da história em partes da composição dos centros urbanos. Frehse (2007) destaca que o comércio em via pública é uma atividade social muito antiga e anterior a modernidade. No caso abordado por ela, da cidade de São Paulo, no período colonial do séc. XVIII, eram os padeiros que, apesar de uma proibição do poder público, vendiam pães pelas ruas centrais. Já no séc. XIX se destacavam as mercearias que comercializavam frutas, doces e bebidas caseiras pelo centro da cidade.

Em Campos dos Goytacazes, no início do século XIX, os portugueses se dedicavam a pequenas atividades comerciais nas principais áreas centrais. De acordo com Lamego (2007, p. 127):



O comércio é vantajoso aos negociantes, alguns dos quais são ricos, e quase todos empregados nele são portugueses, no que são felicíssimos, apesar de virem para ali na última indigência, principiando, com pequenos abonos, a mascatear miçangas, canivetes, carapaças, tesouras, dedais e outras semelhantes bugigangas, e, valendo-se da generosidade dos brasileiros, que lhes franqueiam gratuitamente quanto é preciso para a subsistência, em pouco tempo ajuntam um fundo considerável.

No caso abordado por Lamego, a acumulação de comerciantes portugueses foi possível inicialmente pelo exercício de atividades comerciais em vias públicas centrais. Esta atividade fora não somente uma forma de manter a subsistência dos lusitanos, mas ainda, propiciava a inserção no mundo do trabalho urbano e possibilitava a mobilidade econômica. No atual contexto, esses trabalhadores estão distribuídos em diversas modalidades, sejam eles possuidores de pontos fixos ou em movimento pelas principais vias centrais.

No que toca aos que trabalham em movimento pelas principais ruas, Freitas (2006, p. 112) destaca que:

Nos fins de semana o número de ambulantes cresce. Há quem ofereça ferramentas; outros vendem bijuterias e cordões; outros ainda, pequenos objetos utilitários blocos de notas; canetas coloridas; taças, formas e tigelas plásticas; escumadeiras e conchas; redes e panos bordados do Nordeste.

Freitas coloca em evidência vendedores que se ocupam das imediações do Mercado Municipal⁴, pois além do mercado estar localizado na área central, atrai uma grande clientela de passagem que pode favorecer aos ambulantes ou mesmo com pontos fixos que ficam em suas imediações.

Monnet (2006, p. 179) destaca dois conceitos para caracterizar a natureza da citada atividade comercial no espaço público urbano, a saber: *oportunista* e *furtivo*. O primeiro está relacionado às oportunidades geradas, como por exemplo, a falta de um cartão de telefone, um cigarro que acaba ou uma breve parada no sinal de trânsito. Já o segundo, se caracteriza por uma vontade consumida imediatamente e rapidamente esquecida, já que, o ato da compra não modifica fundamentalmente a trajetória do consumidor, a ponto deste nem se dar conta de que se tornou *cliente*. É através destas

⁴ O Mercado Municipal de Campos, instalado há oito décadas na área central da cidade, funciona diariamente, sem interrupções e com um caráter permanente de comércio; neste sentido, não apresenta a mesma temporalidade das feiras (inclusive a assim chamada feira da roça) que acontecem em dias e locais pré-determinados. (FREITAS, 2006, p. 16).



relações cotidianas, que o vendedor ambulante vai se apropriando do espaço público da cidade, compondo assim, o cenário visual da cidade. Uma relação que não é composta somente por questões materiais, como a comercialização de mercadorias em si, mas ainda, a formação de laços com seus pares e com o lugar em que estão inseridos.

Como dito no final do parágrafo que precede, a utilização da rua não é limitada a questões meramente econômicas, há ainda, um compartilhamento de vivências, onde os trabalhadores se juntam para compartilhar *uma cervejinha* no final ou durante o expediente, comemorações de aniversários, realização de churrascos na calçada onde exercem suas atividades, encontros religiosos, e ainda, uma série de atividades que pode presenciar como observador.

Além do compartilhamento de experiências com outros ambulantes, há ainda uma vivência com outras atividades que estão no mesmo espaço ocupado pelo grupo ou em suas adjacências, que são: quiosques de salgados e bebidas, transportes alternativos e comércios. De acordo com a declaração do vendedor ambulante Pedro⁵, há certa relação de complementaridade com os comerciantes, onde estes, de acordo com sua fala *quebrariam* com a saída dos vendedores ambulantes do local. Ele apontou a sua atividade como atraente ao consumidor, que consome não somente em suas bancas, mas também nas suas adjacências, o que significa dizer que, até mesmo os comerciantes lojistas são *beneficiados* com a presença dos vendedores ambulantes.

Entre a carreira e o *stigma*

No tópico anterior elaborei uma discussão sobre a carreira dos vendedores ambulantes. Neste tópico destacarei uma série de vulnerabilidades da carreira, o que acaba servindo como motivação para que outros grupos que estão no centro, a saber, comerciantes lojistas e mídia, atribuam características que buscam deslegitimar a atividade dos ambulantes. Dentre as vulnerabilidades que envolvem a carreira, as que são mais apontadas por grupos que dividem o espaço da área central com vendedores ambulantes são, a ocupação de áreas públicas, a ausência de notas fiscais nas

⁵ Para preservação da identidade das pessoas envolvidas nesse artigo, serão utilizados pseudônimos.



mercadorias comercializadas ou o fato trabalharem com mercadorias consideradas *piratas*⁶.

Estes elementos presentes na carreira são motivados pelo fato da maioria dos ambulantes possuírem um baixo poder aquisitivo para se *regularizarem*, pagando os devidos impostos e tendo uma *loja fixa*. Estas condições em certa medida favorecem a carreira dos ambulantes, que por terem um baixo custo para se estabelecerem e obterem produtos, podem oferecê-los com preços mais baixos.

Ao entrevistar Margarete, vendedora ambulante do terminal, ela destacou esta questão. Informou-me que existe a possibilidade de compra com nota, mas não é economicamente importante, pois a obtenção de lucros é menor. Sobre este assunto ela destacou o seguinte:

Tem loja lá em São Paulo para a gente comprar com nota, mas a gente não compra, que por exemplo: a gente vai lá é mais caro. Lá em São Paulo, pirataria é dez, aí chega na loja com nota ela é vinte. E aqui a gente vai vender por cinquenta? Não é lojista! Aqui não tem loja! (declaração extraída de entrevista realizada por mim no dia 29/11/2010)

A declaração de Margarete corrobora a relação que Rabosi (2005, p. 12) estabelece entre transações comerciais de longa distância e a possibilidade de preços menores, o que proporciona ao vendedor ambulante maior possibilidade de barganha. As viagens longas oferecem uma gama de possibilidades. Eles podem comprar tanto com nota, como sem. Além de comprar uma mercadoria com preço mais baixo do que na sua cidade de origem. Esta condição faz com que o vendedor ambulante possa oferecer produtos mais baratos em relação ao oferecido nas lojas. Com relação a este aspecto Margarete declarou o seguinte:

O lojista implica com a gente, por que a gente vende tudo mais barato. Eu tenho uma saída de praia, e tem uma loja que vende, aí eu boto mais baratinho mesmo e eles não levam vantagem, que eu vendo cinco ou oito por dia e ele vende duas por semana (risos), entendeu? (declaração extraída de entrevista realizada por mim no dia 29/11/2010)

⁶ De acordo com o dicionário Aulete Digital, a pirataria *consiste na reprodução, uso ou venda de cópias não autorizadas de material protegido pelas leis do direito autoral.*



Estas questões colocadas por Margarete tem uma série de implicações para a condição jurídica dos ambulantes, o que faz com que eles sejam alvos de uma série de ações policiais. Estas ações são algumas vulnerabilidades presentes na fala dos meus entrevistados. É um *medo* que envolve o trabalho do vendedor ambulante. Pude notar isto em demasia em meu trabalho etnográfico. Os mais perseguidos são os vendedores de CDs e DVDs. Estes tem um lucro excessivo sob a mercadoria, pois na maioria das vezes, é produzida por eles, porém, tem uma visibilidade maior nas operações policiais.

No tocante a comercialização das mercadorias *sem nota*, ou consideradas *piratas*, existem uma série de implicações que responsabilizam o vendedor ambulante judicialmente por estar violando o Código de Propriedade Industrial (Lei nº. 9.279, de 14 de maio de 1996, que regula os direitos e obrigações relativas à propriedade industrial). A lei protege o registro de patentes e marcas de bens móveis. A violação desta lei é uma das vulnerabilidades que o vendedor ambulante enfrenta na carreira, pois está constantemente sofrendo apreensões das mercadorias e até mesmo levado a delegacia para prestar depoimento sobre a posse da mercadoria ilegal.

As características apontadas nos parágrafos que precedem, referentes às vulnerabilidades da carreira, favorecem a estigmatização dos vendedores ambulantes na cidade, pois essas são colocadas como principais defeitos dos vendedores ambulantes, por comerciantes e alguns setores da mídia. Elias (2000, p. 22-23) destaca a realidade de uma pequena cidade onde grupos sofrem uma série de *estigmas*. Na relação do considerado estigmatizado, colocado como *outsiders* e *estabelecidos*, ocorre a *sociodinâmica da estigmatização*. A citação que segue destaca como ocorre tal relação:

(...) o grupo estabelecido, tende a atribuir ao conjunto do grupo outsiders as características ruins de sua porção pior de sua maneira anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais nômico ou normativo na minoria de seus melhores membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é .bom. e que o outro é .ruim..

Em declarações obtidas de um periódico local e de minhas observações pude perceber um forte conflito entre os comerciantes lojistas, que se consideram *legalmente estabelecidos* e os vendedores ambulantes, que são representados como *invasores*. Nas declarações a citação acima é corroborada, pois os lojistas insistem em colocar as



vulnerabilidades jurídicas dos ambulantes, que é um fato, como uma característica do grupo de forma geral, em outras palavras, os auto-intitulados *legalmente estabelecidos* utilizam as *características ruins de pior porção dos vendedores ambulantes* como único elemento presente no grupo, como se este se resumisse nestas atribuições negativas.

O trecho a seguir destaca a fala do presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), órgão representante dos *comerciantes legalmente estabelecidos*, em um periódico local, sobre a ocupação dos vendedores ambulantes na cidade:

Como empresário, amigo e parceiro do prefeito A. V. eu sei que no seu novo mandato ele tem um compromisso com o desenvolvimento econômico do município. Entretanto, como presidente da CDL, eu gostaria muito que o prefeito determinasse a imediata solução para o problema dos camelôs, que nos últimos meses do ano 2000 invadiram o centro, provocando um grande descontentamento entre os lojistas legalmente estabelecidos. (FOLHA DA MANHÃ, 06/01/2001^a, p. 08).

Em outra ocasião, o presidente da CARJOPA⁷, destacou o seguinte:

Acreditamos que já está mais do que na hora da prefeitura de Campos adotar algumas providências práticas, como, por exemplo: (...) retirar definitivamente os camelôs que insistem em ocupar um espaço ao qual não têm direito, porque não pagam impostos. (folha da Manhã, 30/03/2001b, p. 06).

As citações acima podem nos ajudar na compreensão de como o ambulante é representado nas declarações dos lojistas. O que explícito nas duas declarações são pedidos direcionados ao poder executivo e para isto, acionou as características juridicamente legais dos lojistas e as *ilegais* dos *camelôs*, para legitimação das demandas apresentadas. Os *camelôs* são tidos ainda, como *invasores do centro*, o que acaba sendo apresentado como uma forma de *informalidade* da ocupação urbana, diferentemente dos *comerciantes legalmente estabelecidos*, que pagam os *devidos impostos* e estão *formalmente* no centro. Em outra situação, quando eu conversava com um segurança do *shopping* ele me informou o seguinte sobre os *camelôs do terminal*:

Isso aí é uma favela, tem prostituta, menor, veados, pedófilo. (...) Eles vem para dentro do *Shopping* para roubar e usar drogas no banheiro. (...) A noite é uma putaria. Os viados ficam pelados se mostrando para a gente aqui. (...) Tem que acabar com isso mesmo, eles precisam trabalhar, mas têm que ser um negócio organizado. (declaração obtida no dia 27/12/2009).

⁷ Associação Comercial da Rua João Pessoa e Adjacências, representante dos comércios situados na rua João Pessoa, Centro.



Esta declaração extraída da fala de um funcionário de um dos principais estabelecimentos vizinhos, possibilita uma compreensão de como a localidade ocupada pelos vendedores ambulantes é categorizada. Na fala anterior, a presença deles estava associada a ocupação irregular de uma área pública e a ausência de pagamentos de tributos, já na citação que precede este parágrafo, podemos ver com mais especificidade a *área moral* (Park, 1999) ocupada pelo grupo de vendedores ambulantes na área central. Quando indagado sobre a saída dos ambulantes, o funcionário do empreendimento vizinho aos *camelôs do terminal*, associou estes aos diversos grupos marginais que causam preocupação para o empreendimento no qual ele trabalha, integrante do grupo de *comerciantes legalmente estabelecidos*.

Esta relação entre ambulantes e comerciantes destaca como esses são reconhecidos de forma negativa, o que pode implicar uma série de danos para a identidade desses grupos na área central. A partir das citadas representações veiculadas por um periódico de grande circulação municipal, podemos perceber como os vendedores ambulantes são fortemente caracterizados como *informais* e isso acaba sendo um ponto chave para que os comerciantes que se consideram *formais*, e ataquem a carreira dos trabalhadores com termos depreciativos e estigmatizantes, como é o caso da caracterização de *invasores* que recebem.

Luta por reconhecimento no centro da cidade

A luta travada por ambulantes e comerciantes lojistas não se limitaram somente a esfera midiática, mas os comerciantes representados pela CDL, foram mais longe, acionaram o ministério público em 2006, pedindo para que os vendedores ambulantes fossem retirados da área central. O conflito passa a entrar em uma *arena pública*, onde o próprio poder público municipal passa a agir como *mediador* dos dois grupos, prometendo algumas soluções. A retirada dos ambulantes foi inviável, pois a própria mídia reconheceu o fato como uma *medida impopular*.

A partir de então, os ambulantes começam a se organizar reivindicando para si o direito de permanecerem no centro legitimamente e não como *invasores*. Esta relação fez eu retomar a discussão de Honneth, pois este mostra como a depreciação pode levar



indivíduos ou grupos a se organizarem em uma luta por reconhecimento. Vejamos no trecho que segue:

...os sujeitos humanos não podem reagir de modo emocionalmente neutro às ofensas sociais, representadas por maus tratos físicos, pela privação de direitos e degradação, os padrões normativos de reconhecimento recíproco têm uma certa possibilidade de realização no interior da vida social em geral; pois toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne motivo de resistência política. (HONNETH, 2003, p. 224)

A depreciação gerada pelos confrontos que acabaram conferindo estigmas aos vendedores ambulantes, acabou servindo como um ato motivacional, que fez com que estes se organizassem (algo que não era comum até o momento dos conflitos) para reivindicarem para si o direito de permanecerem no centro da cidade trabalhando. Para apresentarem suas demandas, escolheram entre eles um representante como interlocutor frente ao poder público.

Esta organização fez com que a mídia buscasse mais *imparcialidade*, o que não acontecia até o momento dos vendedores ambulantes conseguirem entrar em uma *arena pública* de discussão, nem realizarem os protestos organizados por eles no centro. Fiz uma avaliação no principal periódico municipal, de 2001 até 2010, e percebi que até a mobilização dos vendedores ambulantes, grupo que era mencionado com adjetivos depreciativos, tanto nas falas de comerciantes quanto de jornalistas. Isto deixou evidente a postura do periódico. Fica explícito um *nós*, para os comerciantes e *eles*, para os vendedores ambulantes. O periódico por si, pode ser lido como fala dos comerciantes, que são o grupo econômico de grande poder aquisitivo da área central.

As manifestações principais dos vendedores ambulantes ocorreram em dois momentos. No primeiro, não foram os *camelôs do terminal*, mas sim do camelódromo Michael Haddad⁸, que tiveram a sua luz cortada por falta de pagamento ao órgão que fornece energia pela prefeitura municipal. Diante de tal fato, os ambulantes resolveram fechar a Avenida Formosa, uma das principais ruas de acesso ao centro e vizinha ao camelódromo. A outra manifestação se deu entre os *camelôs do terminal*. Nos

⁸ O Shopping Popular Michel Haddad, conhecido como *camelódromo*, foi construído há cerca de 20 anos para organizar os ambulantes que trabalhavam nas ruas de Campos. Conta com 356 bancas e oferece uma variedade de produtos, que vão desde eletroeletrônicos até brinquedos e enfeites diversos.



parágrafos seguintes discutirei com mais detalhes, pois é um dos principais focos deste trabalho.

Como havia dito anteriormente, os comerciantes lojistas acionaram o ministério público em 2006, para que os vendedores ambulantes pudessem sair da área central, porém o ministério acatou o pedido no ano de 2009, quando estipulou um prazo para que os vendedores ambulantes saíssem do Terminal Rodoviário Luis Carlos Prestes. Mediante a decisão do ministério público, o poder público municipal após duas reuniões com os ambulantes, conseguiu convencê-los a irem para o lado do camelódromo Michael Haddad no dia 27 de dezembro de 2009, que teria uma nova cobertura para que os trabalhadores se instalassem.

Ao chegar ao local combinado no prazo estipulado pelo poder público, os ambulantes observam a *precariedade* da instalação e se negam a fazer a mudança. Uma ambulante, muito exaltada no momento de olhar para a instalação afirmou: *falaram tanto da nossa favela e trouxeram a gente para outra favela. Não somos porcos, somos trabalhadores de rua* (declaração obtida em uma observação no dia 27/12/2009). Após este episódio, no qual eu estava presente, eles marcaram um protesto no mesmo lugar no dia seguinte. Eles me convidaram para eu tirar minhas fotos e informaram que acionariam os principais periódicos municipais, mas o único que vi foi a Folha da Manhã.

No dia seguinte, a primeira ação foi fechar a Avenida Formosa, que ficou fechada por aproximadamente por quarenta minutos. Após a chegada da Guarda Civil Municipal e da Polícia Militar, houve um longo período de negociações. Os ambulantes na negociação disseram que só sairiam do local após a certeza de uma conversa com a prefeita ou o secretário de governo, pois se recusavam a sair do local em que exerciam suas atividades anteriormente para ficarem instalados em um local sem uma *estrutura firme que protegesse de fato do sol e chuva*.

Após este período de negociação, foi concedida uma reunião dos ambulantes com a prefeitura no mesmo dia, na qual eu fui impedido de entrar, mesmo me apresentando como pesquisador da Uenf. Com a realização desta reunião o poder público municipal acatou a demanda apresentada pelos trabalhadores e deixou que eles permanecessem no terminal Luis Carlos Prestes. O poder executivo buscou ainda, prorrogar o prazo dado pelo ministério público.



Este evento destaca a força política que os ambulantes mobilizaram para publicizar suas questões. E isso teve grande repercussão, pois fez com que o prazo do ministério público fosse prorrogado. Eles indagaram ainda, sobre a localização, pois queriam um lugar que fosse mais adequado para o exercício da atividade, porém, permanecendo na área central. Um projeto de ampliação do camelódromo foi proposto ainda, pelo poder municipal, o que atenderá as demandas dos ambulantes, caso seja efetuada a construção de um novo camelódromo.

Estes conflitos mostraram que a luta dos ambulantes fez com que eles alcançassem o reconhecimento na área central, na medida em que as suas demandas estão sendo incorporadas legitimamente. Mas longe de uma luta acabada, pois este processo é longo e duradouro, existe ainda uma série de conflitos entre ambulantes e comerciantes.

Considerações finais

A partir das questões que foram aqui expostas, pude chegar a algumas conclusões sobre a atuação dos vendedores ambulantes na área central, a saber, além de conviverem com uma série de vulnerabilidades pela condição jurídica da carreira, estão ainda envolvidos em uma série de representações negativas acerca de suas atividades, o que faz com que sejam travados uma série de conflitos da cidade e este fato não é uma idiossincrasia da cidade de Campos dos Goytacazes, mas é uma realidade vivenciada em diversas regiões centrais do Brasil, onde os confrontos dos vendedores ambulantes com comerciantes e Guarda Civil Municipal são constantes.

No tocante a carreira do vendedor ambulante, esta é permeada por uma série de vulnerabilidades que acabam sendo utilizadas como mecanismos de categorização das atividades, conferindo a esta uma identificação negativa na cidade, como se esta fosse unicamente permeada por aspectos considerados negativos. Estes aspectos acabam por colocar os trabalhadores considerados *informais* em uma escala inferior na hierarquia dos centros urbanos, como *invasores do centro* e não trabalhadores.

O basilar neste artigo foi a forma que os estigmas atribuídos aos ambulantes foram sentidos. Ao invés de um estímulo para a saída dos mesmos da área central, serviu como força motivacional para que estes lutassem por reconhecimento e acesso ao centro da cidade como trabalhadores e não *invasores*. Esta luta, por mais que inacabada,



surtiu um grande efeito na forma como passaram a ser reconhecidos, não somente diante do poder público, mas pela própria mídia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

ELIAS, Norbert e **SCOTSON**, John. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

FREITAS, C. R. B. (2006). *O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: A sedução persistente de uma instituição pública*. Dissertação de mestrado em Políticas Sociais. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro.

FREHSE, F. (2007). *Las interacciones de los transeúntes como patrimonio de las calles centrales latinoamericanas? El comercio ambulante de São Paulo como ejemplo*. In: Losada, D. R. (Org.). *Espacio Público, Patrimonio e Identidad(es) en América Latina*. 1ª ed. Puebla: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, v. 1, pp. 163-193.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.

LAMEGO, A. (2007) *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: IBGE.

MAMANI, H. A. *Economia Informal, Mercado de trabalho e Políticas Públicas: notas iniciais para um estudo do Norte Fluminense*. v.1, n.1, jan-abr/2007. Disponível em http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CCH/Agenda_Social/ Acesso em: 15 de agosto de 2008.

MAFRA, P. D. (2005), *A "pista" e o "camelódromo": camelôs no Centro do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MONNET, J. (2006). *Do vendedor ambulante ao cliente ambulante: um modelo teórico das relações entre o comércio de rua e a metropolização*. In: CABRAL MARQUES GOMES, Maria de Fatima (org.), *Cidade, transformações no mundo do trabalho e políticas públicas. A questão do comércio ambulante em tempos de globalização*, Rio de Janeiro: DP&A editora/FAPERJ, 2006, p.171-187

PARK, R. E. (1999). *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona: Ediciones del Sebal.

RABOSSA, Fernando (2004). *Nas ruas de Ciudad Del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteiras*. Tese de doutorado em Antropologia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: http://teses.ufrj.br/PPGAS_D/FernandoRabossi.pdf, acessado em 10/11/2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SILVA, R. C. C.S. & CARVALHO, A. M. (2004) *Formação econômica da região Norte Fluminense* in - PESSANHA, R. M. & NETO, R. S. (Orgs.) *Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense; da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo*. Campos dos Goytacazes – RJ: WTC Editora.

SIMMEL, G. (2009). *As grandes cidades e a vida no espírito*. Coleção, Artigo Lusofia, Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal. LusofiaPress.

VELHO, G. *Metrópole, cultura e conflito* - In: VELHO, G. (org.), *Antropologia urbana - cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 09-29.

Periódicos

Folha da manhã. 2001a. *Edvar Chagas pede atenção de Arnaldo Vianna para os comerciantes*. 06 de janeiro de 2001b. Pág. 08, Campos dos Goytacazes, RJ.

_____. 2001c. *Carta ao leitor..* (Murilo Dieguez) 30 de março de 2001. Pág. 06, Campos dos Goytacazes, RJ.